

**QUALIDADE DO ENSINO  
DEPENDE DA HISTÓRIA DE VIDA  
A NARRATIVA BIOGRÁFICA**

*Sidney Bernardo (UPM/UNILUS)*  
[sidber@uol.com.br](mailto:sidber@uol.com.br)

Nos últimos anos, no campo das ciências humanas, têm sido intensos os investimentos em pesquisa sobre a qualidade do ensino, uma vez que esta é considerada a responsável direta pela formação de profissionais do ensino. A qualidade do ensino, nos seus diferentes cursos, quer seja da Educação Básica ou da Educação Superior oferecida é, sem dúvida, um dos grandes desafios encontrados pelos gestores educacionais e pelas políticas governamentais. O discente, como cliente imediato dessa prestação de serviço educacional, é quem mais sente na pele os reflexos da qualidade no ensino que lhe é oferecido. Esta qualidade está diretamente ligada à sua participação no cotidiano escolar, ao seu interesse em sua própria formação e à participação efetiva do processo ensino-aprendizagem, às aulas que lhe são ministradas, ao desconforto experimentado com o que paga e o que recebe, no convívio diário com o docente e também nas informações que lhe são transmitidas e na aplicação dessas mesmas informações que deverão propiciar a autoavaliação, que o discente faz da realização pessoal e/ou profissional ser transformadas em conhecimento.

Todo o trabalho educacional desenvolvido pelo docente e discente brota da reflexão sobre a sala de aula: processo de ensino-aprendizagem e das instituições de ensino: espaço de “interações”. Compreender como o ensino se relaciona com a aprendizagem e os diferentes enfoques deste processo; como a prática docente encerra uma visão de mundo, de sociedade, de cultura, de educação; a importância de tornar relevante a aprendizagem para que ela se torne significativa e a sensibilidade para perceber que ela ocorre também fora da escola são aspectos do estudo do processo de aprendizagem que não podem ficar isolados, quando se pesquisa a questão da qualidade de ensino.

Interessante perceber que no processo de ensino-aprendizagem tudo o que o discente aprende na relação com o docente e com o grupo-classe, bem como todo o processo de aprendizagem, realiza-se pelo relacionamento interpessoal muito estreito entre discentes e docentes, discentes e docentes, docentes e docentes, enfim, entre discentes, docentes e gestores. Criam-se, assim, possibilidades de sucesso (ou de fracasso) do processo ensino-aprendizagem.

Segundo Masetto (1997, p.14), a aprendizagem é um processo intencional, isto é, orientado por objetivos a serem alcançados por seus participantes:

Sabemos que professores, diretores, alunos, pais, técnicos, funcionários, autores de livros didáticos, editores que produzem material pedagógico são pessoas reais, que vivem num tempo e numa cultura específica. Têm posições políticas e sociais que são transmitidas em seus trabalhos e nas suas relações com a escola.

As vivências e as experiências vividas em sala de aula resultam em alegria, em satisfação e em convivência. A sala de aula é um espaço de convivência e não podemos esquecer que conviver é viver com. Ninguém vive feliz com quem não se deseja viver ou mesmo com quem não escolheu. A sala de aula é o campo propício para a manifestação das pesquisas e das atividades escolares, mas não se pode perder o referencial da necessidade de tudo estar integrado com a realidade discente. Dessa forma, a sala de aula é o campo de manifestação que deve fortalecer e motivar a presença, a pesquisa, o estudo e o enfrentamento de tudo o que constitui a vida do discente: de suas ideias, crenças, valores, estados psicoemocionais e físicos, sexualidades, religiosidades, de suas relações no bairro, cidade, de seu grupo de colegas etc.

Aprendemos com a própria vida, ensina Paulo Freire. Gadotti (2004), acrescenta ainda que, não há nada melhor do que mostrar o que aprendemos com ela, por meio dela, para descobrir o sentido da educação que deve estar centrada na vida.

A vida manifesta-se por meio de quem somos, de nossa identidade, de nosso percurso, de nosso curriculum vitae: família, religião, amor, comunidade, amigos, escola, partido, sindicato, movimento, convívio com a natureza (...) enfim, nossos vínculos mais profundos com todos os seres e com o universo.(GADOTTI, 2004, p. 10).

Torna-se oportuno novamente buscarmos os ensinamentos de Masetto (1997) que escreveu sobre a sala de aula e a realidade externa do discente, orientando que ambas devem estar intimamente ligadas:

Quando o aluno percebe que pode estudar nas aulas, discutir e encontrar pistas e encaminhamentos para questões de sua vida e das pessoas que constituem seu grupo vivencial, quando seu dia-a-dia de estudos é invadido e atravessado pela vida, quando ele pode sair da sala de aula com as mãos cheias de dados, com contribuições significativas para os problemas que são vividos “lá fora”, este espaço se torna espaço de vida, a sala de aula assume um interesse peculiar para ele e para seu grupo de referência. (MASETTO, 1997, p. 35).

Compara-se a qualidade dos profissionais da educação: entre si e entre instituições de ensino, dos docentes com os de outras categorias e a qualidade dos conhecimentos adquiridos ou não, que interfere diretamente sobre trajetórias de vida, principalmente nas pesquisas humanas e sociais.

Não é possível comparar, nem se falar em qualidade educacional, se antes, não levarmos em conta as histórias de vidas dos docentes e discentes, partes integrantes da convivência em sala de aula, manifestadas pelo processo ensino-aprendizagem.

Gadotti (2004, p.14) ensina que:

Relendo Rousseau, por quem sempre tive muita admiração, percebi que os três mestres do ser humano que ele anuncia no início do *Emílio* – o eu, os outros e as coisas – estão presentes em todo o seu livro na educação de *Emílio* e de *Sofia*. Mas ele não havia aplicado o seu método à sua própria existência. Educar é impregnar de sentido nossa existência, dizia Freire e o repete, incansavelmente, um de seus grandes amigos, o educador Francisco Gutiérrez. Ora, onde buscar o sentido senão em mim mesmo, nos outros e nas coisas?

Segundo Rousseau (1999), as três educações só são diferentes em “alguns aspectos”. Para que o “discípulo” seja “bem-educado”, as três devem tender ao mesmo fim, isto é, à perfeição. E, como estamos sempre a caminho dela, a educação é um processo que não acaba nunca e cabe-nos a tarefa de estar constantemente em busca de aprimoramento no que se refere à sua qualidade.

Como educando, eu só posso me educar na verdade e, como educador só posso me educar sendo eu mesmo, “em toda a minha

verdade”. O educando e o educador, ao falar da educação, estão falando da educação deles mesmos. Falar da educação é falar da educação que tiveram e estão tendo; é falar de sua história de vida, de suas ideias, crenças, valores, estados psicoemocionais e físicos, sexualidades, religiosidades, de suas relações no bairro, cidade, de seu grupo de colegas. Introduzir narrativas de vida dos docentes e discentes no currículo é introduzir vida nas nossas instituições escolares.

Rousseau (1999, p.26) deixa-nos um questionamento, a meu ver, até hoje não respondido: “Como é possível que uma criança seja bem educada por quem não tenha sido bem educado?”. Pensamos que para responder tal questionamento, devemos estar direcionados para a qualidade de ensino e história de vida – a narrativa biográfica.

No âmbito da educação, muitas são as pesquisas que abordaram a crise da formação, identidade do docente e a divisão que foi instalada, paulatinamente, entre o seu eu profissional e o seu eu pessoal. As pesquisas sobre história de vida, ou narrativa biográfica ou, ainda, narrativa de experiência foram, gradativamente, sendo utilizada, não apenas, como instrumento metodológico, na área da pesquisa acadêmica e científica, mas também no campo da formação do docente.

As narrativas biográficas estão se tornando cada vez mais importantes como matrizes pedagógicas de formação. O que aprendemos com a nossa primeira escola chamada família? Quem foi o professor que nos alfabetizou ensinando-nos a ler e a escrever? Não importa se aprendemos as primeiras palavras com o uso de cartilha ou de um método diferenciado para a nossa alfabetização? Onde e como adquirimos os valores que estão guiando nossas vidas?

Assim, de um lado, mediante a história de vida, acreditamos ser possível observar, analisar e refletir sobre os impactos causados na formação do futuro docente e no desenvolvimento da sensibilidade adquirida por este profissional em relação ao seu aprendiz, a relação que ele estabelece com o saber, com o conhecimento científico, com o currículo, com as disciplinas, com a escola como espaço sociocultural, com os diferentes agentes, sujeitos e atores que interferem, direta ou indiretamente, no seu saber e fazer profissional. Acreditamos, também, ser possível investigar os processos vividos pelos

futuros professores ao produzirem experiências no seu cotidiano, no decorrer de sua trajetória profissional.

A história de vida vem se consolidando como um procedimento de investigação que permite a reflexão sobre a trajetória social e cultural das pessoas, possibilitando realizar estudos e produzir mapas sobre a satisfação/insatisfação acerca da qualificação/ desqualificação do exercício docente e de seus saberes, bem como a sua competência/incompetência, a partir de seus relatos orais e/ou escritos, suas narrativas e suas visões.

Os estudos desenvolvidos a partir de narrativas biográficas permitiram esclarecer diversas questões sobre o sistema educativo escolar e de como ele foi produzido. Em nome de uma racionalidade técnica e de um processo de controle e de desqualificação do professor, revelou-se que não é possível atribuir única e exclusivamente a este profissional a responsabilidade por fenômenos como o fracasso escolar do aluno ou a reprodução das desigualdades.

A partir desta perspectiva metodológica e analítica, podemos identificar problemas verificados na prática docente do professor, mas, também, os esforços, investimentos, iniciativas e estratégias que este profissional lança mão para tecer ou encontrar saídas para o conjunto de problemas vivenciados, o que, sem dúvida alguma, demonstra e valoriza sua capacidade de agir e as atitudes que toma para se tornar sujeito de sua própria experiência interior do universo escolar, quer seja em nível da unidade de ensino quer seja em nível do sistema como um todo.

A produção de um texto original contendo a sua História de Vida ou a sua Narrativa Biográfica, no qual consideramos oportuno serem focalizadas as razões da escolha pela docência, assim como os itinerários percorridos em toda sua trajetória profissional, desde o início até o presente.

Para o discente escrever o texto, julgamos relevante explicar que ele não tem caráter avaliativo, pois não nos cabe avaliar o conteúdo da história de vida, uma vez que cada história é única, daí a sua grande importância. Por outro lado, importante que seja levada em conta a clareza na exposição das ideias, a coesão e a coerência. O texto deverá ser manuscrito nas folhas de sulfite ou de almaço.

Gostaríamos de salientar, porém, que redigir sobre a história de vida ou biografia é uma condição necessária, uma ferramenta básica para que o professor possa proceder aos ajustes e às correções em seu planejamento e conteúdos programáticos, com o objetivo de aproximar a teoria e a prática com a realidade em que está inserido; e isso deve ocorrer ao longo de todo o processo de formação.

Agora, não resta dúvida de que é preciso distinguir “estórias de vida” de “histórias de vida”, assim como nos ensina Gadotti (2004, p. 11):

As estórias dizem respeito principalmente aos relatos orais de pessoas que contam a sua vida sem a intenção de estudá-la. Ao contrário, as histórias de vida fazem parte dessa metodologia histórica que tem na biografia uma fonte preciosa de informação para entender melhor não só uma pessoa, mas também um grupo social, uma sociedade. O método biográfico e autobiográfico tem sido utilizado cada vez mais na educação, principalmente a partir dos anos 80, sobretudo na formação continuada de docentes.

Anos antes de Gadotti, Paulo Freire (1997, p. 43), já orientava que “na formação permanente de professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”. Toda a obra de Paulo Freire é marcada pela oralidade e pela narrativa autobiográfica.

### ***Escrevendo a história de vida***

Tendo por base as considerações acima, solicitamos, agora, que você escreva sobre sua história de vida, a partir de suas experiências, de sua formação acadêmica e profissional. Indique aquelas experiências de aquisição de saberes e conhecimentos que contribuíram ou influenciaram no seu processo de formação.

Para auxiliá-lo, sugerimos a seguir um roteiro com a finalidade de facilitar esta sua tarefa.

Falando um pouco de si: o nome, a família, a infância, a adolescência, a vida escolar, a vida adulta e o momento atual:

1. As aproximações com o ofício docente: como foi se envolvendo com a atividade docente e quando se profissionalizou, as lembranças de situações de impacto ou situações que con-

sidera importantes, as influências, os modelos que serviram de base, o que conduziu à escolha da profissão;

2. História profissional: as escolas em que atuou, as experiências na escola, os concursos prestados, a participação política nas associações docentes e/ou outras associações. Como analisa o ofício docente, como vê seu desenvolvimento profissional, quais as responsabilidades, de diferentes ordens, que sente ter assumido;
3. Formação continuada: os processos de formação que realizou tendo em vista o ofício que desempenha - tanto aqueles de escola própria, como aqueles realizados em serviço;
4. Experiências práticas - como é o relacionamento com seus alunos, com os outros professores, com os demais profissionais da unidade escolar na qual atua, como é a relação com os conteúdos pedagógicos, como desenvolve sua prática docente e, ao longo desse trajeto, quais foram as mudanças ou transformações sentidas e observadas. Fale sobre as estratégias, métodos e os materiais que utiliza para o desenvolvimento de seu trabalho;
5. Documento: alguma foto, memória, diário ou algo similar, que seja significativo, de sua história que você julga que possa enriquecê-lo (a) e completá-lo (a);
6. Se você ainda não trabalha na educação, com o que você trabalha? Você gosta da ocupação atual?
7. Por que escolheu o curso de Pedagogia? O que você pretende fazer depois de concluir o curso?
8. Você gosta de ler? Estudar? Tem tempo para isso?
9. O que espera desta disciplina?
10. Como será dada a sua contribuição para o curso?
11. O que espera do professor?
12. O que você espera do Curso?
13. O que deseja que ocorra no transcorrer do curso?

14. O que você não deseja que ocorra no transcorrer do curso?
15. Há algo novo que você espera fazer neste semestre?
16. O que você gostaria de mudar em sua vida?
17. O que você ganharia com essa mudança?
18. O que você gostaria de deixar como sua contribuição?
19. Qual aspecto positivo é identificado em você?
20. Qual aspecto negativo é identificado em você?

O grande mérito desses estudos realizados a partir da história de vida ou narrativa biográfica consiste em voltar o olhar a uma das figuras centrais do processo de escolarização - o professor. E, a partir daí, resgatar a ideia de que há processos dinâmicos e complexos, vividos por esse profissional, vinculados a processos sociais mais abrangentes, capazes de revelar novos sentidos e direções, ressignificando a sua prática docente.

Deste modo, pela pesquisa das histórias de vida de professores, verificou-se que o trabalho docente se inscreve no interior de uma cultura de magistério que revela uma complexa rede de ações e de relações que envolvem a produção da identidade social do professor, que é tecida, sobretudo, a partir de diferentes pertencimentos e ambientes socializadores, tais como núcleo familiar de origem, a escola e o meio profissional. Tal modalidade de pesquisa contribuiu, ainda, para desvelar que a identidade profissional do docente também é traçada e se deve a processos de natureza objetiva e/ou subjetiva, tais como: adesão, pois ser professor implica adesão a princípios e valores; ação, à medida que este profissional sempre escolhe a melhor maneira de agir e de tomar decisões; e, autoconsciência, dimensão decisiva na profissão docente, à medida que os movimentos de mudança e de inovação que este ator desempenha dependem do pensamento que se dobra sobre si e questiona a si mesmo - a reflexão.

Cabe assinalar que tal modalidade de estudo demonstra que ela é fecunda para ações de acompanhamento, orientação, suscitação, facilitação ou ressignificação de projetos pessoais e profissionais, pois os relatos, orais ou escritos das experiências docentes, se pres-

tam a montar um inventário de suas capacidades e de suas competências, que podem se traduzir num *portfólio* útil para servir como recurso a ser usado no contexto de sua formação, para a apropriação de sua história e pelas formas com as quais ele age e interage com a cultura e o meio escolar em que está inserido.

Com todas essas considerações, se faz urgente formar os novos educadores para que as escolas do presente tratem mais do amor, da dor, do projeto de vida, da morte, do cotidiano das pessoas, da afetividade, da excelência de ensino. As pessoas têm medo de encontrar-se consigo mesmas, de escutar o seu próprio silêncio, inclusive porque a maioria das escolas não dá importância a esses temas. A nosso ver, não resta a menor dúvida de que a qualidade do ensino está inter-relacionada com a história de vida – a narrativa biográfica de cada um dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. São eles os responsáveis pela qualidade e pela excelência do ensino.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Manuela. As histórias de vida enquanto procedimento de pesquisa sociológica: reflexões a partir de um processo de pesquisa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 44, 1995.

JOSSO, Marie Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 25, n. 2, jul/dez, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. *Os mestres de Rousseau*. São Paulo: Cortez, 2004.

LELLIS, Isabel. Profissão docente: uma rede de história. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, ANPED, n. 17, maio/ago, 2001.

MASETTO, Marcos Tarciso. *Didática: a aula como centro*. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997.

MEIHY, J. C. S. B. e Fabíola Holanda. *História oral – Como fazer – Como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MEIHY, J. C. S. B. Definindo história oral e memória. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 52-60, 1994.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias de suas vidas. In: NÓVOA, a. (org.) *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Trad. Roberto Leal Ferreira. *O Emílio ou Da educação*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.